



**SAÚDE e PREVENÇÃO
NAs ESCOLAS**

MINISTÉRIO DA SAÚDE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ADOLESCENTES E JOVENS PARA A
EDUCAÇÃO ENTRE PARES

Metodologías

Saúde e prevenção nas escolas, v. 3
Série B. Textos Básicos de Saúde

Brasília – DF
2011

© 2011 Ministério da Saúde.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é da área técnica. A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: <http://www.saude.gov.br/bvs>.

Saúde e prevenção nas escolas, v. 3
Série B. Textos Básicos de Saúde

Tiragem: 1ª edição – 2011 – 10.000 exemplares
Houve impressão de 2.300 exemplares em 2010 sem atribuição.

Produção:

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Vigilância em Saúde
Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais
SAF Sul Trecho 2, Bloco F, Torre 1 – Ed.
Premium
CEP: 70.070-600 - Brasília – DF
E-mail: aids@saude.gov.br / educacao@saude.gov.br
Home page: <http://www.aids.gov.br>
Disque Saúde / Pergunte Aids: 0800 61 1997

Distribuição e Informações:

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Vigilância em Saúde
Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais
SAF Sul Trecho 2, Bloco F, Torre 1 – Ed.
Premium
CEP: 70.070-600 - Brasília – DF
E-mail: aids@saude.gov.br / educacao@saude.gov.br
Home page: <http://www.aids.gov.br>
Disque Saúde / Pergunte Aids: 0800 61 1997

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Básica
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Edifício
Sede, sala 500
CEP 70047-900 – Brasília – DF
Home page: <http://www.mec.gov.br>
E-mail: doso-seb@mec.gov.br
Informações: 0800616161

Autoria para esta edição:

Esta publicação é uma adaptação do texto elaborado por Maria Adrião e contou com a

participação dos(as) diversos(as) colaboradores(as) listados(as) abaixo. Além disso, foi adaptada das oficinas de formação de jovens multiplicadores(as) do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas.

Colaboradores:

Ângela Donini
Carla Perdiz
Cláudia Dias
Dalva de Oliveira
Daniela Ligiéro
Denis Ribeiro
Denis Ricardo Carlotto
Denise Serafim
Ellen Zita Ayer
Emília Moreira Jalil
Fernanda Nogueira
Henrique Dantas de Santana
Inocência Negrão
Juny Kraiczuk
Lula Ramirez
Magda Chinaglia
Márcia Acioli
Márcia Lucas
Margarita Diaz
Maria Adrião
Maria de Fátima Simas Malheiro
Maria Elisa Almeida Brandt
Maria Rebeca Otero Gomes
Maria Teresa de Arruda Campos
Mariana Braga
Mario Volpi
Nilva Ferreira de Andrade

Ricardo de Castro e Silva
Rosilea Maria Roldi Wille
Sandra Unbehaum
Suylan Midley e Silva
Thereza de Lamare
Vera Lopes

Organizadoras:

Fernanda Lopes
Isabel Cristina Botão
Jeane Félix
Nara Vieira

Responsável pela Unidade de Prevenção:

Ivo Brito

Consultoria para esta edição:

Silvani Arruda

Revisão Final:

Jeane Félix
Nara Vieira

Edição:

Dario Noletto
Myllene Priscilla Müller Nunes
Telma Tavares Richa e Sousa

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Viração Educomunicação - Ana Paula Marques

Normalização:

Amanda Soares Moreira - Editora MS

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais.

Adolescentes e jovens para a educação entre pares : metodologias / Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília : Ministério da Saúde, 2011.

40 p. : il. – (Saúde e prevenção nas escolas, v. 3) (Série B. Textos Básicos de Saúde)

ISBN

1. Saúde do adolescente e do jovem. 2. Sexualidade. 3. Promoção em saúde. I. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. II. Título. III. Série.

CDU 613.88-053.6

Catálogo na fonte – Coordenação-Geral de Documentação e Informação – Editora MS – OS 2011/0155

Títulos para indexação:

Em inglês: Adolescents and young people for peer education: methodologies

Em espanhol: Adolescentes y jóvenes para la educación entre pares: metodologías

Prefácio

A série de fascículos *Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares*, do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), como o próprio nome indica, é destinada a adolescentes e jovens. Tem como objetivo auxiliá-los(as) no desenvolvimento de ações de formação para promoção da saúde sexual e saúde reprodutiva, a partir do fortalecimento do debate e da participação juvenil.

Seu propósito não é ser apenas mais um conjunto de fascículos, e sim trazer provocações e aprofundar o conhecimento que os(as) adolescentes e jovens têm a respeito de temas presentes em toda a sociedade, e que, muitas vezes, são tratados de maneira equivocada ou com preconceitos. Ao mesmo tempo, deseja orientar o trabalho por meio de oficinas, debates e leituras. Pretende, também, provocar reflexões e instigar o diálogo sobre as temáticas do SPE dentro das escolas brasileiras.

Os temas fundamentais destes fascículos são dados pelos eixos de ação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, que têm como objetivo central desenvolver estratégias de promoção dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos, de promoção da saúde, de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, do HIV e da aids, e da educação sobre álcool e outras drogas, com adolescentes e jovens escolares, por meio do desenvolvimento articulado de ações no âmbito das escolas e das unidades básicas de saúde.

O SPE é conduzido, no âmbito federal, pelo Ministério da Educação e pelo Ministério da Saúde, em parceria com a UNESCO, o UNICEF e o UNFPA. Essas instituições constituem o Grupo de Trabalho Federal (GTF) que está encarregado da elaboração de diretrizes, avaliação e monitoramento do Projeto.

Acreditando que adolescente aprende mais com adolescente, o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, por meio do GTF, convocam adolescentes e jovens a intensificarem o diálogo entre seus pares. Partem, também, da convicção de que os setores Saúde e Educação estão relacionados a vários temas que precisam ser contextualizados e discutidos, tais como: sexualidade, prevenção das DST/HIV/aids, cidadania, participação, direitos, relações de gênero, diversidade sexual, raça e etnia.

O trabalho com esses temas exige uma abordagem pedagógica que inclui informação, reflexão, emoção, sentimento e afetividade. Por isso, este conjunto de fascículos oferece uma variedade de conteúdos e trabalha com conceitos científicos, poesias, música, textos jornalísticos, dados históricos e de pesquisa, entre outros.

Cada um deles contém: texto básico; materiais de apoio, com informações variadas e/ou curiosidades sobre o que se discutirá em cada oficina; letras de músicas, poesia e sugestões de filmes que mostram como o tema tem sido tratado em diversas manifestações culturais e em diferentes lugares, no Brasil e no mundo.

A partir de agora, o debate está cada vez mais aberto.

Sumário

Apresentação.....	9
Para início de conversa	13
Educação entre pares: o que é isso?.....	17
As estratégias da educação entre pares	22
Caixa de Ferramentas	
Algumas atividades e estratégias possíveis da educação entre pares	28
Sugestões de audiovisuais	33
Referências	38



Apresentação

O fascículo Educação entre Pares foi elaborado para subsidiar os(as) educadores(as) entre pares, participantes das atividades do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas – SPE, estabelecendo novos parâmetros para a formação de adolescentes e jovens no campo da sexualidade, da educação sobre drogas e da infecção pelas DST, o HIV e a aids.

Esse processo, conduzido geralmente por profissionais – professores (as), médicos (as), assistentes sociais, educadores(as) etc. –, conta com pouca participação de adolescentes e jovens como agentes responsáveis e facilitadores(as). E está mais do que na hora de transformar esse quadro.

Em todo o Brasil, já são diversas as iniciativas que abrem espaço para que as vozes de adolescentes e jovens ecoem por todos os lados. Uma delas é o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas - SPE.

Lançado em 2003, o SPE tem como **objetivos**: contribuir para a proteção e promoção dos direitos sexuais e direitos reprodutivos de adolescentes e jovens; contribuir para o enfrentamento da epidemia de HIV/aids entre adolescentes e jovens escolares; fomentar a participação e o protagonismo de adolescentes e jovens; ampliar o debate sobre promoção da saúde, gênero, diversidade sexual, relações étnico-raciais, drogas, entre outros temas, por meio de ações integradas entre os setores saúde e educação. No quadro abaixo, alguns pontos importantes foram resumidos:

Saúde e Prevenção nas Escolas

Premissas

Articulação e apoio mútuo de diferentes setores e instâncias da sociedade e desenvolvimento de ações integradas entre os setores saúde e educação.

Finalidades

- ▶ Incentivar o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a proteção dos direitos e promoção da saúde sexual e saúde reprodutiva, com a redução da incidência das doenças sexualmente transmissíveis e da infecção pelo HIV, na população de adolescentes e jovens.
- ▶ Fomentar a participação juvenil para que adolescentes e jovens possam atuar como sujeitos transformadores das suas realidades.
- ▶ Apoiar ações de formação continuada para profissionais de educação e saúde, bem como a formação de adolescentes e jovens nas linhas temáticas do SPE.
- ▶ Fomentar a inserção das temáticas do SPE, nos projetos político-pedagógicos das escolas.

- ▶ Promover a ampliação da capacidade de acolhimento das demandas em saúde da população adolescente e jovem, nas Unidades Básicas de Saúde.
- ▶ Fortalecer e ampliar a constituição de grupos intersetoriais (saúde e educação), para a implementação das ações do SPE, nos estados e municípios.
- ▶ Desenvolver ações inclusivas, considerando as pessoas com necessidades educacionais especiais, de modo a favorecer a vivência da sua sexualidade com autonomia e proteção social.
- ▶ Fortalecer a consolidação e a ampliação de uma rede nacional de jovens do SPE.
- ▶ Inserir de forma efetiva a discussão sobre viver com HIV/aids na adolescência e na juventude, nas agendas e ações do SPE.
- ▶ Promover o enfrentamento da violência de gênero, do racismo, do sexismo, da homofobia, do estigma e da discriminação em relação à vida com HIV/aids, bem como a equidade racial, étnica, de gênero e de orientação sexual dos(as) adolescentes e jovens, por meio do acesso à informação e estímulo a reflexão sobre esses temas.

Estratégia

Integração dos setores saúde e educação, respeitando os princípios e diretrizes que os fundamentam, a partir do compromisso dos(as) gestores(as) e técnicos(as), responsáveis pelas políticas governamentais nas três esferas de governo - federal, estadual e municipal -, na implementação do projeto e na consolidação de uma política pública de promoção da saúde e prevenção nas escolas, por meio da constituição de:

- 1 - *Grupo de Trabalho Federal (GTF)* - formado por representantes do Ministério da Saúde, Ministério da Educação, UNESCO, UNICEF e UNFPA. Esse grupo se reúne sistematicamente para definir as estratégias de implantação e implementação, o monitoramento e a avaliação do Projeto.
- 2 - *Grupos Gestores Estaduais (GGE)* - formado por representantes das secretarias de saúde e educação, das universidades, de organizações da sociedade civil, de adolescentes e jovens e de outros atores que desenvolvam ações nas escolas e/ou ações que repercutam sobre a saúde e a vulnerabilidade da população escolarizada (demais secretarias, organizações da sociedade civil, organizações de jovens, conselhos).

- 3 - *Grupos Gestores Municipais* (GGM) – formado por representantes das secretarias de saúde e educação, outras secretarias e instituições (universidades, organizações da sociedade civil, conselhos, secretarias da cultura, ação social, justiça, esporte e lazer, entre outras) que desenvolvam atividades com a população jovem, bem como organizações juvenis.

A estratégia proposta neste fascículo é que o(a) facilitador(a) se aproprie da dinâmica de criação de oficinas e que ele(a) seja capaz de criar outras atividades que possam motivar debates. Dessa maneira, nenhuma oficina segue um rigor formal, como uma receita, mas segue uma lógica. Para isso, as atividades devem estar ao alcance de todos(as), para que sejam utilizadas e modificadas com criatividade, a partir das realidades locais.

Nesse processo de formação de facilitadores(as), o fundamental não está no uso isolado das práticas participativas, mas no conjunto de conceitos, atividades, objetivos e metas que se quer alcançar.

Como usar os fascículos

O material elaborado para subsidiar as atividades dos(as) educadores(as) entre pares do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas é formado por oito fascículos. Este, especificamente, trata da metodologia do projeto. Os demais são fascículos temáticos, contemplando os seguintes títulos:

Adolescências, juventudes e participação

Sexualidade e saúde reprodutiva

Gênero

Raça e etnias

Diversidade sexual

Prevenção as DST, HIV e aids

Álcool e outras drogas

Esses fascículos podem ser utilizados de várias formas, inclusive de forma independente. Em primeiro lugar, ele é material de leitura para qualquer adolescente ou jovem que queira aprofundar seus conhecimentos sobre os temas relacionados à

sexualidade, saúde reprodutiva e prevenção às DST e HIV/aids. Além disso, trazem dicas de materiais – filmes, músicas, poesias – que podem ser usados nas atividades de educação entre pares.

Cada fascículo contém um texto básico na seção *Para início de conversa*, além de textos de apoio, depoimentos, algumas leis e dicas de onde procurar mais informações. Por fim, e principalmente, sugere algumas estratégias para a educação entre pares e descreve, em detalhe, ao longo dos fascículos, oficinas para facilitar a compreensão dos conteúdos.



Para início de conversa¹

Aprender é fundamentalmente uma questão de estabelecer e manter conexões. Possibilita que conhecimentos, habilidades e experiências vivenciadas possam ser integrados a novas ideias e conceitos e, por conseguinte, sejam transformados em uma compreensão nova e, muitas vezes, mais profunda. Aprender envolve, pois, a abertura para o novo, para a reflexão, para o questionamento e para a busca por novos significados.

Entretanto, aprender algo novo ou entender de maneira mais aprofundada algo que já é familiar não é um processo simples e uniforme. Aprender é um processo individual em que cada um (a) percebe e processa informações de maneiras diferentes. Cada pessoa tem preferências por formas de aprender e um ritmo próprio.

O mais importante nisso tudo é reconhecer que as pessoas são diferentes e que todas as formas como elas aprendem são válidas e devem ser respeitadas. Portanto, cabe a quem ensina valorizar a diversidade dos(as) participantes e promover uma variedade de recursos que contemple as preferências de aprendizagem de um determinado grupo.

No Brasil, entre os muitos projetos existentes nas áreas da sexualidade, saúde reprodutiva, equidade de gênero, raça, etnia e diversidade sexual, a metodologia mais utilizada é a de linha participativa, que utiliza técnicas de dinâmica de grupo ou oficinas, por exemplo. Esse processo se inicia a partir da experiência e do conhecimento dos(as) próprios(as) participantes. Por meio da conexão entre os novos conceitos/práticas e aquilo que os(as) participantes já sabem, valoriza-se a experiência anterior de um determinado



¹ Fonte: (Extraído e adaptado de ARAÚJO; CALAZANS, 2007)

grupo, possibilitando, inclusive, que as pessoas aprendam umas com as outras, por meio da colaboração, da troca de ideias e sentimentos.

Nessa metodologia, a pessoa que facilita as discussões e reflexões, chamado(a) geralmente de facilitador(a), tem como atribuição proporcionar um ambiente de aprendizagem ativa, a partir de atividades criativas, que façam sentido e que tenham continuidade. Rodas de conversa, discussões em pequenos grupos, busca de soluções para problemas comuns a adolescentes e jovens propiciam reflexões, mudanças de atitudes discriminatórias, levando a outras mais igualitárias e, inclusive, a opção por práticas sexuais mais seguras e protegidas.

Princípios para uma proposta participativa

Aprender é uma responsabilidade compartilhada. Por isso é importante que o(a) facilitador(a) estimule os(as) participantes a criar um ambiente de aprendizado participativo, de forma a facilitar o processo de aprendizado. Dessa maneira, todos (as), participantes e facilitadores(as), contribuem com o conteúdo da atividade. Três são os princípios básicos para uma proposta participativa: empoderamento, segurança e participação.

Empoderamento

Empoderar significa acreditar que a diversidade é um valor positivo, que todas as pessoas são iguais em termos de direitos. Em uma proposta participativa, é preciso que o(a) facilitador(a) esteja convicto de que:

- ▶ um grupo cresce com o desenvolvimento do potencial de seus participantes;
- ▶ é preciso valorizar e utilizar a experiência e o conhecimento de cada pessoa do grupo;
- ▶ respeito às diferenças é um componente fundamental para se viver em sociedade.

Segurança

Como, muitas vezes, os(as) participantes pertencem à mesma comunidade, é preciso garantir que o grupo seja um lugar seguro para se discutir os tópicos e manifestar opiniões e ideias sem que haja julgamentos, críticas, discriminação, desrespeito etc.

O (A) facilitador (a) constrói a segurança do grupo:

- ▶ estabelecendo regras de convivência ao se iniciar as atividades;
- ▶ combinando algumas normas para que as discussões não percam o foco;
- ▶ evitando comentários preconceituosos ou excludentes, além de julgamentos;
- ▶ estabelecendo acordos sobre a divulgação de assuntos particulares ou que dizem respeito à dinâmica do grupo;
- ▶ usando boas técnicas de facilitação;

- ▶ intervindo no momento em que alguém estiver sendo criticado de maneira destrutiva e se suas ideias estiverem sendo desvalorizadas ou rejeitadas.

Participação

A participação de todos e todas pode ser encorajada, utilizando-se uma ampla variedade de atividades de aprendizado e apoiando maneiras diferentes de participação (algumas pessoas se sentem muito mais confortáveis em discussões em pequenos grupos, mas nunca se manifestam em um grupo grande).

Também, no primeiro encontro, é interessante elaborar uma agenda com o grupo para que eles(as) possam incluir assuntos que sejam de seu interesse.

Quer saber mais?

O guia *Facilitando oficinas: da teoria à prática* tem um monte de dicas de como trabalhar com oficinas e outros métodos de aprendizagem na prática. É só navegar na página abaixo:

www.portaldovoluntario.org.br/press/uploadArquivos/109699844336.pdf

Educação entre pares: o que é isso?

Como o próprio nome já sugere, educação entre pares é um processo de ensino e aprendizagem em que adolescentes e jovens atuam como facilitadores(as) de ações e atividades com e para outros(as) adolescentes e jovens, ou seja, os pares. Esse termo, veio do inglês *peer educator* e é utilizado quando uma pessoa fica responsável por desenvolver ações educativas voltadas para o grupo do qual faz parte.

Quando se propõe um modelo de aprendizagem como esse, a ideia é que serão os (as) próprios(as) adolescentes e jovens os(as) responsáveis tanto pela troca de informações quanto pela coordenação de atividades de discussão e debate junto a seus pares.

As razões para se optar pela educação entre pares são muitas. A primeira delas, e mais óbvia, é que adolescentes e jovens conversam de “igual pra igual” com seus pares sobre diferentes assuntos, incluindo sexualidade, saúde sexual e saúde reprodutiva, HIV e aids. Outro motivo importante é que eles e elas têm como base a própria comunidade em que vivem. Sendo assim, conhecem a realidade dos (as) outros(as) adolescentes e jovens e organizam atividades mais próximas da cultura local.

Finalmente, um programa de educação entre pares faz parte de uma iniciativa mais ampla, envolvendo muitas organizações, setores e, frequentemente, até mesmo órgãos públicos e agências internacionais.

A formação de adolescentes e jovens e a metodologia da educação entre pares

No contexto do SPE, a palavra metodologia significa um caminho a percorrer e que, para percorrê-lo, não há uma regra rígida a ser obedecida. O importante é perceber que a metodologia traça caminhos possíveis e tem uma relação íntima com o objetivo a que se quer chegar. Ela facilita o processo e evita surpresas desagradáveis, do tipo tomar ônibus na direção errada. É claro que, quando isso acontece, dá-se uma mudança de planos, o que pode ser compreendido como novas soluções para o inesperado.

Mais do que passar informações e desenvolver atividades criativas, o (a) educador (a) entre pares é responsável por ajudar o grupo a desconstruir ideias preconceituosas e atitudes discriminatórias associadas às diversidades sexuais, aos gêneros, à cor da pele, raça, etnia ou cultura, à vida com HIV/aids, às pessoas com deficiência, entre outros.

Qualquer adolescente ou jovem pode realizar esse trabalho. Basta querer ter acesso a novos conhecimentos, gostar de trabalhar com grupos e saber ouvir e perceber as outras linguagens que não as verbais. Aliás, saber ouvir ou perceber é uma das tarefas mais necessárias dentro de uma proposta como essa, pois exige concentração, respeito, ausência de julgamento, aceitação de valores e conceitos de vida diferentes dos seus.

No caso de adolescentes e jovens com deficiência, seja como educador (a) entre pares seja como participante das atividades, vale enfatizar que ainda existem muitos preconceitos em torno da vida afetiva e sexual dessas pessoas. Muita gente acredita que eles são assexuados ou têm a sexualidade “exacerbada”. Essa crença é dirigida principalmente aos (às) adolescentes e jovens com deficiência intelectual. No entanto, exceto naqueles casos onde há comprometimento severo das habilidades e competências dos (as) adolescentes e jovens, o desenvolvimento sexual se dá do mesmo modo que qualquer outro (a).

Jovem educando jovem

A educação entre pares vem demonstrando bons resultados nas mais diversas esferas de atuação juvenil. Nas escolas, percebemos um aumento crescente de ações realizadas entre os(as) adolescentes e os(as) jovens, em que a conversa sobre assuntos instigantes é prática permanente. Teatro, dança, música e elementos da cultura popular são usados como formas de abordar, com mais profundidade, os temas de interesse comum. Para a educação entre pares, todos(as) são importantes no processo de discussão e reflexão, pois todas as pessoas sabem algo que pode complementar o saber do(a) outro(a).

Entre pares, o processo é todo educativo e participativo. Quanto maior a participação de todos (as), maior o conhecimento adquirido e, com isso, é maior a possibilidade de mudanças.

Nessa situação, o(a) educador(a) de pares aprende a utilizar vários conhecimentos na organização de uma ação na comunidade, a tomar iniciativas e, sobretudo, a comprometer-se consigo mesmo e com a realidade à sua volta.

A atitude é estar aberto (a) para o diálogo

Por meio de uma boa conversa, podemos colocar nossas ideias, ouvir outras, tirar dúvidas sobre qualquer assunto. É bom contar com pessoas que tragam experiências diferentes. Alguns profissionais, como professores (as), médicos (as), psicólogos(as), oferecem alguma dica de como lidar com problemas, dificuldades, ou situações novas. Importante é não ter preconceitos nem vergonha para falar da intimidade. Falar em questões como sexualidade, namoro, medos, desejos, gravidez na adolescência, formas de prevenir as DST/aids, dúvidas relacionadas à vida com HIV/aids, entre outras, é fundamental para viver a sexualidade com saúde, responsabilidade e prazer.

Características da educação entre pares

O espaço físico deve proporcionar igual visibilidade para todas as pessoas, sem privilegiar pessoa alguma, muito menos o(a) facilitador(a). A melhor forma de se garantir isso é organizá-lo de forma circular. Se isso não for possível, em uma sala com cadeiras fixas, por exemplo, é importante pensar coletivamente em alternativas para possibilitar a integração de todo o grupo.

Os saberes e o conhecimento de cada um são importantes para a construção de um conhecimento coletivo ampliado e permite desenvolver uma reflexão comum.

Todas as pessoas devem ter oportunidade de se expressar, inclusive aquelas que possuem algum tipo de limitação física e/ou sensorial como, por exemplo, os(as) surdos(as) e surdos-cegos. Portanto, todas devem ser estimuladas para compor expressões coletivas. Muitas vezes o silêncio também é um jeito de comunicação.

A arte é mobilizadora de sentimentos. A arte é uma atividade que envolve a emoção e é um aspecto fundamental para se trabalhar com as temáticas do SPE.

Levantar questões no grupo pode favorecer um espaço de reflexão, questionamento e troca de ideias e conceitos.

As vivências são modos de se experimentar o conhecimento pelos sentidos, utilizando o olhar, o corpo, os sons, a memória, as experiências de vida, consolidando as aprendizagens com mais intensidade.

O aprendizado de um grupo colabora com outros grupos. Portanto, o registro é um meio para se organizar a memória, que nada mais é do que a materialização do aprendizado que serve para divulgar ideias

Quem são os (as) educadores(as) de pares?

Durante o evento de formação – oficina ou qualquer outra atividade –, todos(as) são formadores(as). Mas há sempre a pessoa responsável por facilitar ou coordenar a atividade, que estamos chamando aqui de educador(a) de pares ou facilitador(a). Sua função central é promover a participação e estabelecer uma relação democrática e igualitária. Ninguém é superior a ninguém.

O (a) educador (a) de pares tem como tarefa formar outras pessoas, ao mesmo tempo em que forma, também, a si mesmo. Portanto, não é a pessoa que sabe tudo, mas é a pessoa que conduz processos coletivos para a construção de novos conhecimentos e saberes por meio da reflexão, do questionamento, da discussão e dos consensos. Também é a pessoa responsável por organizar uma equipe de trabalho formada por adolescentes e jovens interessados(as) em participar das atividades do SPE, elaborar uma programação e escolher as oficinas que serão trabalhadas, criando uma articulação entre a sequência dos temas dos vários encontros.

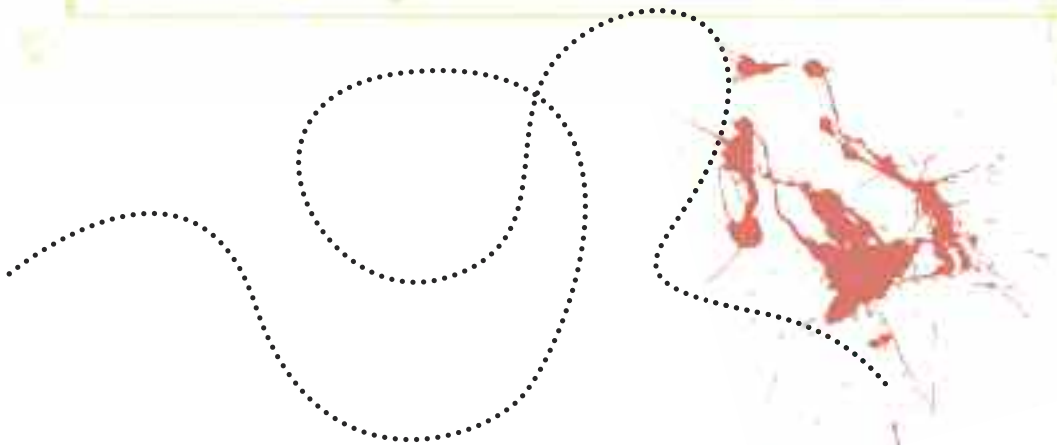
Para facilitar a reflexão coletiva, o(a) educador(a) de pares precisa desenvolver as seguintes habilidades:

- ▶ possibilitar articulação das ideias;
- ▶ promover mobilização de pessoas;
- ▶ saber ouvir e se fazer ouvir;
- ▶ saberes e conhecimentos;
- ▶ saber conviver e lidar com as diferenças;
- ▶ buscar desafios para si mesmo(a);
- ▶ assumir uma postura curiosa e, ao mesmo tempo, respeitosa;
- ▶ saber trabalhar coletivamente;
- ▶ saber valorizar as experiências dos(as) outros(as);
- ▶ ser capaz de reconhecer os próprios preconceitos e não emitir juízos de valor;
- ▶ estar atento(a) ao ambiente em que ocorre a ação, suas mudanças e fatores que contribuíram para isso;
- ▶ ser capaz de estabelecer vínculos, respeitar os valores dos (as) outros (as) e administrar conflitos;
- ▶ cumprir os compromissos assumidos e os horários.

Obviamente, ninguém nasce com essas habilidades. Elas são adquiridas a partir do conhecimento apropriado dos temas e da experiência acumulada. Tendo isso em mente, certamente essas e outras habilidades se desenvolverão.

Atribuições do educador (a) entre pares

1. Conduzir o encontro (seja uma oficina, uma simples reunião, um evento cultural ou outro).
2. Propor acordos coletivos a serem combinados com cada grupo.
3. Eleger pessoas com responsabilidades específicas, como: quem cuida do ambiente, quem faz os registros, quem serve de apoio na distribuição de material etc.
4. No caso de oficina, o (a) facilitador (a) deve-se responsabilizar pela metodologia.
5. Organizar o tempo, cuidar dos preparativos, conferir as condições de trabalho e, fundamentalmente, se responsabilizar pela condução das atividades com o foco nos objetivos.
6. Ajudar a administrar algum possível conflito no grupo.
7. Assegurar, em cada oficina, a construção de uma fala coletiva, aproveitando as diversas opiniões que aparecerem.
8. Fazer uma síntese do trabalho, indicando os itens discutidos, as reflexões que aconteceram e as ideias centrais às quais o grupo chegou.
9. Cuidar para que todos (as) tenham oportunidade de se expressar.
10. Assegurar que as oficinas e encontros sejam devidamente registrados e compartilhados com o grupo.
11. Participar de encontros e reuniões com as equipes das escolas e serviços de saúde participantes do SPE.



As estratégias da educação entre pares

As estratégias da educação entre pares

Processos de educação entre pares, envolvendo adolescentes e jovens, podem acontecer em quaisquer espaços públicos que possibilitem a realização das atividades. Entre esses espaços, a escola é considerada um local privilegiado e estratégico, uma vez que é a instituição que alcança, de maneira regular, o maior número de adolescentes e jovens. Abaixo, algumas sugestões de espaços onde e como as ações poderão ser realizadas:

A escola e a comunidade escolar

Como a escola agrupa adolescentes e jovens para uma convivência intensa, nela muitas amizades são construídas. Amizades feitas na escola costumam acompanhar as pessoas como referências importantes por toda a vida. Conversas, cochichos, manifestação de dúvidas e curiosidades são práticas constantes, com ou sem a participação de adultos (as).

Para estabelecer uma parceria com a escola, o primeiro passo é construir uma boa relação com a direção, com os (as) professores (as), com a equipe pedagógica, com o *Grêmio*, com o *Conselho Escolar*, com familiares e a comunidade escolar geral. É pelo diálogo que esse material deve ser apresentado e discutido como uma proposta de trabalho que pode se desenvolver naquela escola. A primeira etapa de diálogo não deve ser apressada. A conversa deve se prolongar até que todos os segmentos da comunidade escolar se sintam seguros para começar.

Grêmios estudantis é uma entidade criada e gerida pelos (as) alunos (as), da educação básica à superior, em suas respectivas escolas, faculdades e universidades, com o intuito de representar seus interesses, podendo, também, promover atividades sociais, científicas e culturais. No Brasil, a existência de grêmios estudantis é assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

Fazem parte dos **Conselhos Escolares**: a direção da escola e a representação dos estudantes, dos pais, mães ou responsáveis pelos estudantes, dos (as) professores (as), dos (as) trabalhadores (as) em educação e da comunidade local. O Conselho Escolar toma decisões coletivas. Se sua escola ainda não tem Conselho ou se ele estiver desativado, um (a) representante estudantil pode tomar essa iniciativa, convocando toda a comunidade escolar para organizar as eleições. O Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares tem material, que orienta sobre como democratizar as escolas, disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb> - Articulação e Desenvolvimento dos Sistemas de Ensino.

Em um segundo momento, é importante que profissionais de saúde e pessoas da comunidade participem dessas conversas. Eles (as) podem ajudar a argumentar com a direção e com os familiares sobre a importância do projeto. Essa integração é rica. Todos têm a ganhar.

Uma vez estabelecidas as parcerias, é hora de se pensar na elaboração de um calendário e nas propostas para as primeiras ações. Caso haja um (a) ou outro (a) professor (a) interessado (a) e disponível para conversar, ajudar a pensar e encontrar soluções, melhor ainda.

Vale lembrar que a sala de aula não é o único lugar de aprendizagem. Rodas de conversa acontecem no intervalo, no pátio, na quadra de esportes e são ótimos momentos para a troca de experiências e resolução de dúvidas. Todas as pessoas que interagem com os (as) alunos (as) são importantes no processo ensino-aprendizagem, pois suas atitudes contribuem para a formação, mesmo que de maneira informal ou não intencional.

O setor saúde e seus profissionais

Ações de promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos se fortalecem pela articulação entre as políticas públicas da saúde e da educação. Acreditando nessa premissa, uma das estratégias do SPE é integrar os setores saúde e educação na implementação, monitoramento e avaliação do projeto, na consolidação de uma política pública de prevenção de doenças e agravos e na promoção à saúde nas escolas, conforme citado no início deste fascículo. Mas, para que isso aconteça, é preciso convidar as escolas e as unidades de saúde de cada comunidade para conversar e participar, conjuntamente, das mais diversas atividades. Cabe, assim, também aos educadores (as) entre pares colaborar para que essa articulação aconteça.

Outra questão importante é conhecer o Sistema Único de Saúde – SUS e identificar profissionais de referência para atender os(as) adolescentes e jovens em suas necessidades.

Para tanto, uma possibilidade é convidar esses profissionais para participar de encontros, atividades e conversas na escola e levar para o serviço de saúde sugestões, expectativas e críticas a respeito dos atendimentos que eles e elas recebem naquele serviço.

Como funciona o Serviço Único de Saúde - SUS

O SUS é um conjunto de ações e de serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais ou por entidades a ele vinculadas. No SUS, toda pessoa tem direito à assistência integral à saúde e ninguém deve pagar qualquer valor. Assistência integral significa que o SUS deve cuidar de todas as suas necessidades em saúde (promoção, prevenção e recuperação).

Em cada município existe um Conselho Municipal de Saúde (CMS), formado por usuários(as) do SUS, trabalhadores (as) de saúde, gestores (as) e prestadores (as) de serviço. Os (As) conselheiros (as) são responsáveis por definir o que é preciso ser feito em cada município na área da saúde, transformando, assim, a verba do SUS em serviços de saúde para a população. As reuniões do CMS são abertas ao público.

O SUS obedece aos seguintes princípios:

Universalidade: todos os brasileiros e brasileiras têm direito de acesso às ações e aos serviços de saúde.

Equidade: a assistência deve ser priorizada às pessoas que mais precisam.

Gratuidade: é proibida e ilegal a cobrança de qualquer taxa ou contribuição dos usuários do SUS. (art. 43, Lei 8080/90).

Integralidade: garante todas as ações e os serviços necessários para a promoção, prevenção, tratamento e a reabilitação da saúde.

Descentralização: transferência direta de recursos e responsabilidades (de acordo com o nível de complexidade), do âmbito federal para estados e municípios, principalmente para este último.

Participação social: com o objetivo de promover a participação da comunidade no acompanhamento das políticas e ações de saúde, foram criados os Conselhos de Saúde e as Conferências de Saúde. Pela atuação de seus representantes nesses espaços, a comunidade pode opinar, definir, acompanhar a execução e fiscalizar as ações de saúde, nas três esferas de governo: federal, estadual e municipal. É

fundamental que a população participe das conferências e dos conselhos, para que os interesses da coletividade perante as ações governamentais sejam defendidos e garantidos na prática. As **Conferências de Saúde** acontecem a cada quatro anos, com a representação de vários segmentos sociais para avaliar a situação da saúde e propor diretrizes para a formulação de políticas públicas nos municípios, nos estados e no país. Já os **Conselhos de Saúde**, com caráter permanente e decisório, atuam na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde, de acordo com o nível de governo que cada um representa. Em outras palavras, eles devem funcionar e tomar decisões regularmente, acompanhando, controlando e fiscalizando a política de saúde e propondo correções e aperfeiçoamentos em seu rumo.

Para saber mais:

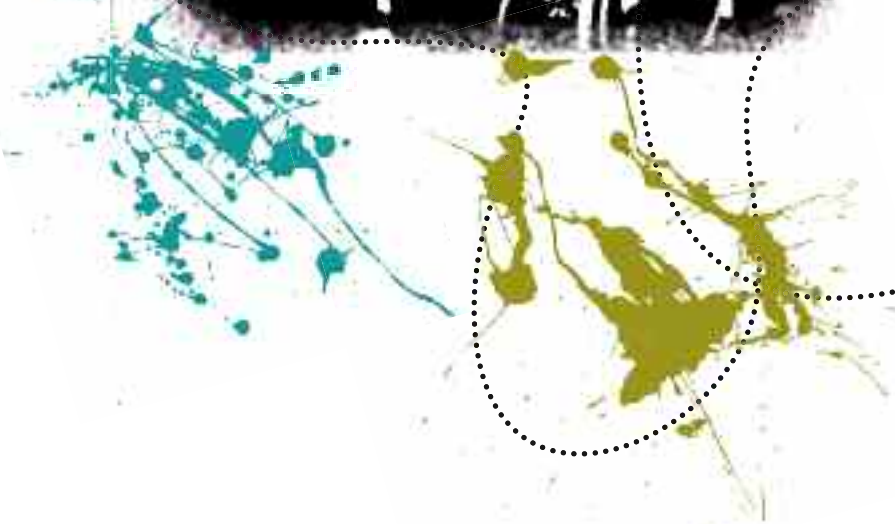
SUS de A a Z - www.saude.gov.br/susdeaz

Setores públicos e a sociedade civil

Quando falamos de setor público, estamos nos referindo a todos os órgãos e entidades ligadas às três esferas de governo que fazem a República Federativa do Brasil: a União, os Estados, o Distrito Federal e os municípios. Cada um deles se organiza em órgãos setoriais de saúde, de educação, de justiça, de direitos humanos e assim por diante (no caso do governo federal, são os ministérios e secretarias especiais e, nos Estados e municípios, os nomes variam). O importante, aqui, é refletir sobre quais deles estão envolvidos mais diretamente com as políticas sociais voltadas a crianças, adolescentes e jovens, particularmente aquelas ligadas à promoção da saúde sexual, saúde reprodutiva e prevenção das DST/HIV/aids.

Além dos setores da educação e da saúde, outros órgãos importantes são aqueles ligados aos direitos das crianças e dos(as) adolescentes e à política de assistência ou desenvolvimento social. Alguns dos principais são: a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ); a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH); o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA); o Sistema Único de Assistência Social (SUAS); os Conselhos Estaduais e Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente e os Conselhos Tutelares (municipais).

Além de pessoas e instituições do setor público, outras parcerias poderão ser estabelecidas, tais como: famílias, organizações não governamentais (ONG), associações de moradores, grupos de organização juvenil, entidades sindicais, associações profissionais, redes, cooperativas que envolvam adolescentes e jovens. O importante é que pessoas de diferentes setores que estão direta ou indiretamente ligados à questão da adolescência e juventude possam contribuir.





**Caixa de
Ferramentas**

Algumas atividades e estratégias possíveis para a educação entre pares

Oficinas

Por oficina se entende uma atividade semiestruturada, na qual, por meio de jogos, dinâmicas ou brincadeiras, espera-se que os (as) participantes reflitam e discutam sobre temas que lhes dizem respeito. Apesar dessas atividades não serem, em sua maioria, complexas, elas exigem de quem as aplica um bom trabalho de planejamento e de organização.

O ideal é que cada oficina seja facilitada por, no mínimo, duas pessoas. Assim, enquanto uma coordena a atividade, a outra a apoia, entregando os materiais, passando a lista de presença, tirando dúvidas nos pequenos grupos etc. Também, se uma pessoa é referência em uma atividade, na seguinte, é bom fazer um revezamento. Dessa forma, todos e todas poderão aprender muito, exercendo várias funções diferentes.

Algumas das oficinas também poderão ser acompanhadas pelos(as) professores(as) ou profissionais de saúde. O importante é convidá-los (as) com antecedência, explicar porque sua presença é importante e combinar o momento que ele(a) poderá apresentar algum tema ou participar de alguma discussão.

As oficinas contam com três momentos-chave: a abertura, com uma atividade que promova o aquecimento e integração do grupo; o desenvolvimento do tema trabalhado e o encerramento com conclusões, sínteses e avaliação.

Passos e dicas para organizar uma oficina

É importante que o espaço esteja organizado circularmente.

Veja quem são os(as) participantes de sua atividade, qual a idade, a quantidade, o sexo. É importante ter uma lista de presença dos(as) participantes.

Determine qual o principal tema e outros temas que podem ser discutidos durante a oficina.

Prepare a sala/local de maneira que os(as) participantes percebam que algo interessante acontecerá ali.

Tente criar um ambiente acolhedor e harmonioso, organizar a disposição das cadeiras com antecedência, deixar os materiais disponíveis para uso.

Vale lembrar que uma oficina não é uma receita pronta e o mais importante é usar a criatividade e ampliar as possibilidades. É, na verdade, uma “obra em construção” que pode e deve ser adaptada e melhorada pelos (as) próprios educadores (as) entre pares, conforme os objetivos específicos de cada ação e conforme a realidade local. É interessante, inclusive, que os (as) facilitadores(as) busquem, em sua cultura, músicas, textos literários ou outras formas de criação artística que abordem os temas aqui propostos, para contemplar as diferenças regionais e culturais de nosso país.

Como sempre é bom registrar o que as pessoas trazem durante a oficina (opiniões, questionamentos, sentimentos...). Convide um(a) ou dois participantes para fazer a relatoria da oficina, ou seja, anotar os principais momentos. No final da oficina, o que foi registrado deve ser lido, corrigido ou modificado pelo grupo, para o aval final de todos (as).

Ações espontâneas com seus pares

Por meio de uma conversa informal, é possível realizar diferentes ações, como: conversar sobre um tema, levantar alguns questionamentos, informar, discutir atitudes com uma pessoa ou um pequeno grupo. Essa é uma atividade simples e espontânea, que não necessita de planejamento.

Debates a partir de expressão artística

Embora se trate, também, de uma ação espontânea, é sempre bom usar pequenas estratégias para tornar o debate mais rico, após terem assistido a um filme, a uma peça de teatro, ouvindo uma música ou lido uma poesia. Algumas dinâmicas são interessantes, como a reflexão sobre o comportamento de personagens polêmicos, em que o grupo se divide entre defesa e acusação. Ou fazer rodar a palavra alternadamente com o tema:

“Eu não gostei porque...”; “Eu concordo porque...”; “Eu gostei porque...”; “Eu discordo porque...” Ou usar a criatividade para pensar: “se eu fosse o autor ou autora, eu teria feito isso diferente...” O importante é, ao final, fazer sempre um resumo das ideias principais que a obra trouxe para a discussão.

É muito importante a utilização de filmes, vídeos educativos, música e poesia nas atividades que serão realizadas. Um roteiro deverá ser construído para que o grupo possa aproveitar melhor o conteúdo utilizado nessas produções artísticas. Esse roteiro a ser elaborado deve ter alguns itens, tais como:

- Ideia central apresentada.
- Outras ideias relevantes.
- Identificar as questões polêmicas com as quais o material trabalha.
- Fazer uma comparação entre a realidade e o que foi apresentado no texto.
- Com o que concordam?
- Com o que discordam?
- Em que mudariam o texto ou o roteiro dos filmes?

- Mudariam algo na vida dos (as) personagens?
- Mudariam o final? Como?

Encontros

Sempre que possível, procure envolver a turma da escola com parceiros convidados: o pessoal da unidade de saúde da comunidade, a Secretaria de Educação do município, algum conselho de políticas públicas (Educação, Saúde, Assistência Social, da Criança e do Adolescente, Tutelar, entre outros), representantes de Redes ou Organizações Não Governamentais (ONGs), que atuam na promoção dos direitos humanos, no enfrentamento do racismo, do sexismo, da homofobia, na inclusão social de pessoas com deficiência, na defesa dos direitos das pessoas que vivem com HIV e aids, entre outros. Esses encontros sugeridos pelo(a) facilitador(a) podem ter um caráter esclarecedor e reivindicatório, para uma tomada de decisão que interesse a todos(as) e, com isso, ajudar no planejamento de ações. Não existe mistério. É só ter uma pauta clara, chamar o convidado e fazer um relatório com as principais questões tratadas. Quem conduz a reunião também cuida para que a pauta seja cumprida, observando o tempo disponível, ou seja, não é interessante gastar grande parte do tempo com apenas um ponto da pauta. É importante evitar a dispersão (que é quando um assunto puxa outro que não estava previsto). É claro que isso pode ocorrer, mas a dispersão ameaça os objetivos propostos. Se outros pontos não previstos aparecerem, eles podem ser motivos para novos encontros.

Também podem ser organizados encontros com as famílias, pois elas sempre devem ser vistas como aliadas do trabalho. É necessário afinar opiniões e fazer acordos. É difícil para alguns familiares romper com antigas crenças e valores. Nesse sentido, a família deve ser sensibilizada e conquistada com cuidado e compreensão. Seria interessante contar com algum familiar (mãe, pai, tio(a), avô ou avó, padrinho ou madrinha) que queira fazer parte da equipe desse trabalho, como elo entre as outras famílias e o grupo de educação entre pares.

Grupos de estudo e discussão - Trabalho de aprofundamento dos temas

Após a realização das atividades, pode ser que alguns (algumas) de vocês se interessem em continuar a conversa sobre o tema tratado. Nesse caso, é interessante propor a formação de um grupo de estudo e de discussão. Nesses grupos, as pessoas se encontram com uma determinada frequência com o objetivo de conhecer mais e melhor algum assunto. Normalmente, há um roteiro de leituras e filmes para debater ou um tema atual que esteja na mídia ou na convivência das pessoas. Ao fim de um encontro, já deve ser combinado o tema, o texto ou o filme que será debatido no encontro seguinte.

É interessante promover espaços diferentes de discussão sobre esses temas, variar a forma como são abordados. Todas essas possibilidades se complementam. Debates, conversas, filmes, discussão de artigos de jornais e de revistas, informações locais,

acontecimentos específicos de seu bairro ou de sua cidade que estejam relacionados aos temas a serem trabalhados são algumas das possibilidades.

Eventos

Trata-se de algo que acontece sem uma frequência fixa, normalmente com maior visibilidade e envolvendo um grupo maior. É um momento de sair da rotina. Pode ser um festival de arte e cultura, pode ser uma projeção de filme com debate, pode ser uma música, dança, apresentação de teatro, entre outras apresentações artísticas e culturais elaboradas pelo próprio grupo ou por um grupo convidado.

É um momento especial, pois reúne muita gente em volta da produção artística, em que geralmente circula alegria e emoção. As apresentações podem ser de produção dos(as) adolescentes e dos(as) jovens locais, com convidados(as) de outros bairros ou outras escolas, ou mesmo podem contar com algum(a) artista profissional que seja comprometido(a) com a educação nesses temas. É uma oportunidade bastante privilegiada para atingir mais pessoas.

Gincana solidária e cultural

É uma atividade pedagógica que, mesmo tendo entre suas características a disputa, é utilizada como forma de estimular a cooperação entre indivíduos e grupos. Nesse caso, recomendamos que seja uma gincana solidária e temática. Que não se dê ênfase à disputa, mas ao entusiasmo de cumprir tarefas e de aprender com elas. O caráter das tarefas deve ser sempre pedagógico e solidário, tomando-se o cuidado de se estabelecer uma comissão julgadora comprometida com o tema e atenta aos objetivos propostos.

Por exemplo: a gincana pode focar o tema de prevenção das DST/aids. Nesse caso, o objetivo dessa atividade é, ao mesmo tempo, informar e formar a cultura da solidariedade. Uma comissão de adolescentes, jovens e professores(as) deve elaborar as tarefas, seus respectivos critérios de julgamento, indicar uma entidade a ser beneficiada com a ação solidária da gincana, formar uma comissão julgadora com representantes dos(as) adolescentes e dos(as) jovens, dos familiares, do segmento saúde na comunidade, do grupo de professores(as), dos(as) demais servidores(as) da escola. Por fim, escolher um prêmio de interesse coletivo.

Intervenção na comunidade

É uma ação de maior alcance e impacto, que pode ter diferentes objetivos: uma pesquisa sobre a situação do seu bairro, a sensibilização da comunidade, um diálogo mais sistemático com a escola e outras instituições, um mutirão de trabalho, uma feira de saúde, entre outras.

Para que o trabalho a ser desenvolvido seja consistente, é importante que ele seja planejado detalhadamente e avaliado após sua realização. É necessário que a avaliação seja participativa e que, sempre que possível, a comunidade faça parte dela.

Elaboração e divulgação de material informativo

Criar materiais de informação para sua escola pode ser uma atividade bastante interessante. Produção de cartazes, panfletos, campanhas, faixas informativas, jornais, boletins, mensagens nas rádios comunitárias. São várias as possibilidades e quanto maior o número de pessoas envolvidas melhor será para todos (as).

Há alguns materiais produzidos por movimentos sociais e por órgãos públicos, como os materiais distribuídos pelos Ministérios da Saúde e da Educação, pelas secretarias estaduais e municipais de saúde e educação, dentre outros, que poderão ser utilizados na sua escola.

Proposição de conteúdos e atividades aos(às) professores(as), para a sala de aula

Da mesma maneira que vocês podem desenvolver ações espontâneas entre si, podem (e devem) mobilizar os(as) professores(as). E essa é apenas uma das formas. É muito produtivo que alguns temas sejam tratados em sala de aula. Percebam que os temas não devem ficar restritos à aula de ciências ou de biologia, como frequentemente acontece. Nem sempre o(a) professor(a) dessa disciplina se sente confortável ou seguro(a) para tratar dos assuntos aqui propostos. É importante que os temas sejam discutidos em diferentes disciplinas.

Audiovisuais

Apresentar um filme, seja ele comercial ou educativo, é sempre uma boa ideia, pois, além de trazer situações que devem ter sido vivenciadas pelos(as) adolescentes e jovens, permite que eles(as) coloquem suas opiniões e percepções sem constrangimento.

Vale reforçar, no entanto, que um filme, por si só, não traz respostas para as inquietações dos (as) participantes. O ideal é pensar em uma atividade em que esse material se encaixe, pois, um filme pode ter diferentes interpretações. Alguns cuidados para se trabalhar com esses materiais:

- ▶ assistir ao filme antes;
 - ▶ levantar todas as questões que são abordadas e que dão margem à discussão;
 - ▶ fazer um roteiro de perguntas que poderá ser usado para estimular a discussão;
 - ▶ preparar-se para responder as dúvidas que possam surgir;
 - ▶ fechar a discussão, retomando as principais informações que foram abordadas no filme e com as principais conclusões que surgiram durante o debate;
 - ▶ procurar deixar mensagens positivas para os(as) participantes.
- ▶ Esses mesmos procedimentos são recomendados para o uso pedagógico de músicas, poemas, textos literários etc.

Sugestões de audiovisuais

X-Salada e Pão com Ovo

Duração: 20 minutos

Ano de realização: 2005

Apresenta diversas situações para debater os direitos dos/das adolescentes, que a maioria desconhece. Uma garota vai ao posto de saúde buscar preservativo gratuito. A mãe adolescente quer amamentar o filho durante as aulas. Um casal discute a hora certa e o momento de transar. Amigos em um bar observam um casal de homossexuais que chega de mãos dadas. Esses e outros trechos foram encenados e depois mostrados para adolescentes, que falam sobre o que sentiram, discutem suas reações e a de seus colegas.

Temas: direitos sexuais e direitos reprodutivos dos/das adolescentes

Onde encontrar: www.ecos.org.br

Estou Grávido! Com a voz o jovem pai.²

Duração: 15 minutos

Ano de realização: 2003

Apresenta a vivência da paternidade para rapazes cujas namoradas/companheiras/esposas estão grávidas. É um conjunto de relatos de 10 pais, adolescentes e jovens, residentes em Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil. É um vídeo destinado a trabalhos com homens e mulheres jovens que desconhecem o universo da gravidez na adolescência, a partir da perspectiva do pai. Ele pode orientar discussões em grupos de rapazes, moças e grupos mistos, em escolas, unidades de saúde, empresas etc.

Temas: paternidade e gênero

Onde encontrar: www.papai.org.br

Bonezinho Vermelho

Duração: 30 minutos

Ano de realização: 2003

O namoro da adolescente Gabriela (Bonezinho Vermelho) e Tavinho é contado por seu irmão, Mauro. O vídeo mostra as inseguranças e decisões do casal sobre a vida afetiva e

² Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=DKix4UmfWVE> (parte 1) e <http://br.youtube.com/watch?v=L8gAiroVX0c> (parte 2)

sexual. O clímax se dá com a gravidez de Gabriela e as mudanças que ocorrem para ela, seu namorado e sua família.

Temas: métodos contraceptivos, contracepção de emergência, gravidez na adolescência e participação masculina.

Onde encontrar: www.ecos.org.br

Minha Vida de João³

Duração: 23 minutos

Ano de realização: 2001

Desenho animado, sem palavras, que conta a história de um rapaz, João, e os desafios que ele enfrenta durante seu processo de crescimento para tornar-se homem em nossa sociedade: o machismo, a violência familiar, a homofobia, as dúvidas em relação à sexualidade, a primeira experiência sexual, a gravidez da namorada, uma doença sexualmente transmissível e a paternidade.

Temas abordados: machismo, relações familiares, violência familiar, paternidade, sexualidade.

Onde encontrar: www.ecos.org.br/ www.promundo.org.br/ www.papai.org.br

Era uma vez outra Maria⁴

Duração: 18 minutos

Ano de realização: 2005

Vídeo educativo que apresenta experiências comuns a mulheres jovens e aborda assuntos como saúde sexual e reprodutiva, violência, gravidez, maternidade e trabalho. Pode ser usado para mulheres e homens jovens ou para profissionais de saúde e educação que buscam novas formas para discutir a saúde e autonomia das mulheres jovens.

Temas abordados: gravidez na adolescência, violência sexual, saúde sexual e saúde reprodutiva.

Onde encontrar: www.ecos.org.br/ www.promundo.org.br/ www.papai.org.br

Era uma vez outra família⁵

Duração: 20 minutos

Ano de realização: 2007

Desenho animado sem palavras que apresenta a história de uma família e os desafios

³ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=JzG4re-Ja0I>

⁴ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=YzikHycQcmE>

⁵ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Pdi6SVY3UTk>

cotidianos que pais, cuidadores (as) e responsáveis enfrentam na criação e educação dos filhos. O objetivo é discutir as crenças, opiniões e atitudes que os adultos apresentam diante do castigo físico humilhante e nos convida a olhar a criança como um sujeito de direitos. Chama a atenção para a importância que uma relação baseada no respeito e no diálogo tem para a educação e o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Temas abordados: tipos de família, violência doméstica.

Onde encontrar: www.promundo.org.br

Pra que time ele joga

Duração: 23 minutos

Ano de realização: 2002

Trata da questão da homossexualidade na escola, um tema muito presente hoje já que muitos programas e projetos visam à diminuição da homofobia na escola. É a história de um adolescente que é bom na escola, bom no futebol, desejado pelas meninas e é gay. Mostra as formas de discriminação que ocorre numa situação dessa, incluindo a família. Se você não tiver acesso a esse material, procure a entidade que atua na prevenção e atendimento às DST e aids de sua cidade. Utilize o vídeo como uma atividade a mais para aprofundar a discussão sobre gênero e diversidade sexual. Se puder, convide um(a) profissional da coordenação municipal de sua cidade para estar com você e discutir esse filme na sua escola.

Temas: diversidade sexual

Onde encontrar: <http://corsa.wikidot.com/>

Medo de quê?⁶

Duração: 18 minutos

Ano de realização: 2005

Marcelo é um garoto que, como tantos outros, é cheio de sonhos, desejos e planos. Descobre que sente atração afetivo-sexual por rapazes. Seus pais, seu amigo João e a comunidade em que vivem têm outras expectativas em relação a ele, que nem sempre correspondem aos desejos de Marcelo.

Esse desenho animado sem falas é um convite à reflexão sobre esses medos e à busca de uma sociedade mais plural, solidária e cidadã.

Temas abordados: homofobia, direitos sexuais.

Onde encontrar: www.ecos.org.br/ www.promundo.org.br/ www.papai.org.br/

⁶ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=eQSIOWvFYU8>

Artigo 2º

Duração: 16 minutos

Ano de realização: 1994

Lia e Felipe descobrem a violência no dia a dia e como está presente nas situações mais corriqueiras. Enfatiza a necessidade de se discutir a Declaração Universal dos Direitos do Homem e da Mulher, a partir de seu artigo 2º: "Todos têm capacidade para gozar de seus direitos e liberdades, sem qualquer tipo de distinção."

Temas: violência e discriminação.

Onde encontrar: www.ecos.org.br

Alguém falou de racismo?

Duração: 20 minutos

Ano de realização: 2003

Uma discussão entre colegas, em sala de aula, abre caminho para que se veja mais claramente uma questão sempre presente, mas disfarçada em nosso cotidiano: o racismo. Também compõe o kit, o manual *Pele escura, estrada dura, beleza pura* que traz subsídios e sugestões que ajudam a aprofundar o tema em sala de aula.

Temas abordados: racismo, discriminação racial.

Onde encontrar: www.cecip.org.br

Vista a Minha Pele ⁷

Duração: 10 minutos

Ano de realização: 2002

Divertida paródia da realidade brasileira. Nessa história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são Alemanha e Inglaterra, enquanto os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique. Maria é uma menina branca, pobre, que estuda em um colégio particular, graças à bolsa de estudo que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira na escola. A maioria de seus colegas a hostiliza, por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade.

Tema: racismo, preconceito e discriminação

Onde encontrar: www.ceert.org.br

⁷ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4s3KwWN5Dbc>

Que porre!!!**Duração:** 10 minutos**Ano de realização:** 1998

Uma adolescente expõe abertamente seus pensamentos sobre o namorado que acha “bonito” ficar bêbado. Questiona o consumo das drogas legais.

Tema: prevenção ao uso de drogas.**Onde encontrar:** www.ecos.org.br**Programas disponíveis em páginas da internet:****Aids, DST, Redução de Danos, Transmissão Vertical, Testagem e Adesão,**

O AIDS Media Center é um espaço criado com o objetivo de compartilhar as campanhas, as reuniões, a galeria de fotos, as videoconferências e as transmissões ao vivo realizadas pelo Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das DST, Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde.

Podem ser acessados em:

<http://www.aids.gov.br/mediacenter/>**Vivendo a Adolescência e Colocação das Camisínhas Feminina e Masculina**

A Reprolatina produziu esses vídeos educativos para serem utilizados em ações educativas e demais atividades na área de saúde sexual e saúde reprodutiva para jovens e adolescentes.

Podem ser acessados em:

<http://www.reprolatina.org.br/site/html/materiais/videos.asp#>**Quesito Cor e Promovendo a Equidade na Atenção à Saúde**

Produzidos pelo Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI-Saúde), em 2005, esses materiais foram exibidos em canal aberto e fechado de TV e vêm sendo constantemente utilizados por organizações do movimento social e serviços públicos que discutem a importância do combate ao racismo e da promoção da saúde da população negra.

Podem ser acessados em:

Vídeo Promovendo a Equidade na Atenção à Saúdehttp://64.246.56.111/video.pnud.org.br/videos/racismo/promoven_256.wmv*Vídeo Quesito Cor*http://64.246.56.111/video.pnud.org.br/videos/racismo/quesitor_256.wmv

Referências

ARAÚJO, Teo W.; CALAZANS, Gabriela. **Prevenção das DST/Aids em adolescentes e jovens:** brochuras de referência para os profissionais de saúde. São Paulo: Secretaria da Saúde/Coordenação Estadual de DST/Aids, 2007. Disponível em: http://www.crt.saude.sp.gov.br/instituicao_gp prevencao_brochuras.htm>. Acesso em: 7 Fev. 2011.

AYRES, J. C. et al. Adolescência e aids: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. **Interface:** Comunicação, Saúde, Educação, [S.l.], v. 7, n. 12, p. 113-128, 2003.

BRASIL. Presidência da República. Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual de Prevenção das DST/HIV/Aids em comunidades populares.** Brasília, 2008. Disponível em: M<<http://www.aids.gov.br/main.asp?View={E62A8511-7150-4615-9BFA-10FDC4F4E642}>>. Acesso em: 8 Fev. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** primeiro e segundo ciclos: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: introdução aos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil sem Homofobia:** programa de combate à discriminação contra glbt e promoção da cidadania homossexual. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMISE047F607PTBRIE.htm>>. Acesso em: 7 Fev. 2011.

ECOS. **Trabalhando com adolescentes: Aids e drogas.** São Paulo: ECOS, 2002.

_____. **Sexo sem vergonha.** São Paulo: ECOS, 2003.

_____. **Boletins transa legal.** São Paulo: ECOS, 2002 e 2007.